

# TENDÊNCIAS RECENTES DO DESENVOLVIMENTO REGIONAL NA HINTERLÂNDIA DE CAMPINAS: NOTAS PARA DISCUSSÃO<sup>1</sup>

*Paulo de Martino Jannuzzi<sup>2</sup>  
José Eduardo Rodrigues de Sousa<sup>3</sup>*

## 1. APRESENTAÇÃO

A região de Campinas detém uma posição particularmente distinta dentro do Estado de São Paulo e do Brasil. Com um parque industrial diversificado e integrado, detentor de uma infra-estrutura moderna de transporte e comunicação, uma rede sofisticada de produção e comercialização de produtos, um conjunto de renomadas universidades e centros de pesquisas, um portentoso mercado consumidor, essa região tem figurado como uma opção privilegiada para investimentos empresariais tanto nacionais como estrangeiros (SEADE, 1996).

Outro aspecto a distinguir a região frente às demais, é o intenso crescimento demográfico que nela se verificou nas últimas décadas. Fluxos provenientes de Estados vizinhos e de outros municípios do Estado de São Paulo garantiram um crescimento populacional 40% superior à taxa média de crescimento estadual, levando a região a deter um contingente populacional de cerca de 4 milhões de pessoas em 1991 (SEADE, 1993).

---

1 Este artigo corresponde a versão em Português do Trabalho apresentado no Seminário Internacional "Urban Growth and Environmental Management-an International Challenge", Liverpool, Inglaterra, janeiro/97, como parte das atividades desenvolvidas no âmbito da Rede Alfa "Sustainable Development in an Urbanising World".

2 Professor Adjunto da Faculdade de Ciências Econômicas, Contábeis e Administrativas da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (FACECA/PUC-Campinas). Analista de Projetos da Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (SEADE). Mestre em Administração Pública pela EAESP/FGV e Doutorando em Demografia no IFCH/UNICAMP.

3 Economista. Professor Titular da Faculdade de Ciências Econômicas, Contábeis e Administrativas da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (FACECA/PUC-Campinas). Mestre e Doutor em Administração pela Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo - FEA/USP.

Tal dinamismo econômico e demográfico tem tornado cada vez mais complexa a gestão urbana e a formulação de políticas públicas municipais, em especial na readequação do espaço para desenvolvimento das atividades industriais e terciárias e no redimensionamento da infraestrutura de bens e serviços coletivos. Assim, de modo a contribuir para o levantamento de informações de natureza econômica necessária para elaboração de políticas municipais de desenvolvimento na Região Administrativa de Campinas, este trabalho apresenta notas acerca da estrutura produtiva regional e das tendências recentes do desenvolvimento industrial na região. As tendências e outros subsídios de natureza demográfica não são tratadas aqui por serem objetivo de outros trabalhos já elaborados anteriormente (Jannuzzi 1996a, 1996b).

## 2. UM POUCO DE HISTÓRIA...

A inserção da região de Campinas na economia nacional desponta no início do século passado como importante região produtora de cana-de-açúcar. O açúcar era então o principal item da pauta de exportação e o elemento estruturador da economia brasileira. Mas a projeção da região no cenário econômico viria mais tarde, com o esgotamento do ciclo da cana-de-açúcar em meados do século XIX e advento da cafeicultura como atividade econômica primordial do país. A fertilidade do solo, o clima, a localização geográfica, a malha ferroviária trazida pela própria necessidade de transporte do café para o Porto de Santos e a disponibilidade de capital dos fazendeiros fizeram da região um dos maiores centros produtores de café do país.

A crise de 1929 também teve impacto na região, mas não com a intensidade com que se abateu no resto do mundo, pois as grandes fazendas e latifúndios deram lugar ao aparecimento de um grande número de pequenas e médias propriedades, bem como a diversificação da agricultura. A base econômica da região mais uma vez mudou, passando do café para o algodão, produto então valorizado nos mercados mundiais. Com as plantações, proliferou-se a indústria de beneficiamento de algodão. Para se ter uma idéia do potencial de recuperação da região, no ano de 1933, os níveis de produção superaram aqueles obtidos em 1929.

Nos vinte anos que cobrem os anos 30 e 40, a região de Campinas passou a ocupar papel de destaque no cenário econômico e político do Estado de São Paulo, contribuindo de maneira significativa para a sua própria retomada econômica. O eixo econômico começava a se deslocar da agricultura para a indústria, do campo para o urbano, e a região passou a se constituir no mais importante núcleo manufatureiro do Estado, depois da Capital e arredores.

Ao longo da segunda metade da década de 50, a região passa pela industrialização nas áreas metal/mecânica, química, papel e celulose, papelão e borracha, dentre inúmeras outras, como reflexo da implantação da indústria em larga escala pelo país. A partir dos anos 60, se observa a chegada dos setores produtores de bens de consumo durável e de bens de capital. Os anos 70 são caracterizados pela emergência de indústrias direcionadas ao setor automotivo, mecânica e elétrica.

A partir de então, em parte como consequência das deseconomias crescentes da aglomeração metropolitana e, em parte como resultado dos investimentos governamentais em indústria de base e na implantação de centros de pesquisa científica, tecnologia e ensino superior/técnico, a região de Campinas passa a configurar-se como pólo de grande potencial para instalação industrial.

### **3. O DINAMISMO ECONÔMICO E INDUSTRIAL NO PERÍODO RECENTE**

Essa evolução histórica permitiu que, nos anos 80, a região de Campinas apresentasse o maior e mais diversificado parque industrial do Interior Paulista. Em meio a estagnação geral da indústria nacional no período, a região recebeu grande volume dos investimentos para ampliação e implantação de plantas industriais. Entre 1980 e 1985, quase um terço da área ocupada por novas indústrias do interior situavam-se nessa região (São Paulo 1990). Em 1985, a Região congregava 15,7% dos estabelecimentos industriais do Estado, 14,8% do pessoal ocupado, 15,2% do Valor da Produção e 15,8% do Valor de Transformação Industrial.

Desde então tais cifras parecem ter se ampliado, a julgar pelos dados de participação das Regiões Administrativas no Valor Adicionado da Indústria de Transformação do Estado de São Paulo, apresentados por Caiado (1996). Enquanto a Região Metropolitana tem perdido participação no Valor Adicionado da Indústria, passando de 64,4 % para 52,2 % entre 1980 e 1992, os municípios do Interior e, em especial, aqueles situados na RA Campinas, ampliaram sua participação. Entre 1980 e 1992, a participação da RA Campinas no Valor Adicionado aumentou mais de 5 pontos percentuais. No último período, entre 1992 e 1994, parece haver uma pequena recuperação da indústria metropolitana em detrimento daquela situada no Interior do Estado, fato este ligado, certamente, à conjuntura econômica favorável e "boom" de consumo dos primeiros meses do Plano Real.

**Tabela 1**

**Participação (%) no Valor Adicionado da Indústria de Transformação Estado de São Paulo - 1980 a 1994**

Região	1980	1985	1990	1992	1994
Estado de São Paulo	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Região Metropolitana de São Paulo	64,4	57,6	57,9	52,2	53,5
Interior	35,6	42,4	42,1	47,8	46,5
Região Administrativa (RA) de Campinas	15,2	17,5	19,2	21,1	20,1

Fonte: Caiado, 1996

Os três grandes segmentos industriais (bens de capital, bens intermediários/ duráveis e bens de consumo não durável) tem presença significativa na região, assim como os diversos ramos de atividade. A diversidade de seu parque industrial pode ser atestada pelos dados da tabela abaixo, de distribuição de ocupados por setor de atividade econômica em 1993, levantados pela Pesquisa Regional por Amostra Domiciliar realizada em quase 150 municípios do Estado<sup>3</sup>.

<sup>3</sup> Vide Patarra, Bógus e Baeninger 1996.

**Tabela 2****Distribuição de Ocupados de 10 anos e mais por setor de atividade  
Estado de São Paulo -1993**

<b>Setor de Atividade</b>	<b>RM São Paulo</b>	<b>RA Campinas</b>	<b>Cidades Médias</b>	<b>Total Estado</b>
Agrop./Ext. Vegetal	0.73	4.54	6.87	3.14
Comércio	15.84	16.81	16.52	15.83
Const. Civil	5.55	6.11	7.42	6.16
Ind. Alimentos	1.74	2.95	2.50	1.90
Ind. Metal/Mecan/Elet.	11.25	10.61	7.44	9.85
Ind. Qim./Farmac.	3.95	3.81	2.24	3.39
Ind. Vest./Calçados	2.88	1.97	4.36	3.35
Ind. Transf. Outras	3.94	4.46	3.45	3.87
Prest. Serviços	17.07	15.27	14.02	16.06
Serv. Auxiliares	7.64	4.89	4.50	6.43
Serv. Domésticos	5.93	7.50	8.39	6.81
Serv. Sociais	10.20	9.30	10.15	9.94
Serv. Adm. Pública	5.74	6.24	6.83	6.26
Serv. Transportes	5.71	4.30	4.25	5.44
Outras Atividades	0.88	1.02	0.89	0.91
Não sabe	0.92	0.25	0.18	0.67
<b>Total</b>	<b>100,00</b>	<b>100,00</b>	<b>100,00</b>	<b>100,00</b>

Fonte : Pesquisa Regional Amostra Domiciliar/NEPO/UNICAMP

Observe-se que a Região de Campinas apresenta-se com um perfil setorial muito próximo ao da Região Metropolitana de São Paulo-RMSP no tocante à presença dos setores mais dinâmicos da indústria, mas também guarda alguns traços típicos da estrutura produtiva presente nas Cidades Médias (Municípios-sedes das Regiões de Governo) do Interior. Assim, a participação da população ocupada nas Indústrias do Complexo Metalúrgico-Mecânico-Elétrico é de 10,6 % na Região de Campinas, valor quase idêntico aos 11,3% da RMSP. Nas Indústrias

do Complexo Químico-Farmacêutico a proximidade também se verifica (3,8 % contra 4,0 % para a RA Campinas e RMSP, respectivamente). A ocupação na Indústria de Alimentos e na Construção Civil chega a ser um pouco maior na RA Campinas que na RMSP.

São em alguns sub-setores ligados aos Serviços e na Agropecuária que as estruturas produtivas da RA Campinas e da RMSP mais se diferem e, de forma equivalente, são nestes ramos em que a RA Campinas mais se aproxima dos Centros Médios do Interior do Estado. Veja-se que a participação de ocupados na Agropecuária é de 4,5 % na região, valor muito superior ao da RMSP. A presença de grandes plantações de cana-de-açúcar nas micro-regiões de Piracicaba, além da laranja em Limeira, explicam a importância deste setor.

Nos serviços auxiliares da atividade econômica (serviços financeiros, imobiliários, etc) há uma incidência relativa menor na RA, Campinas assim como no setor de Prestação de Serviços e de Serviços de Transporte e Comunicações, setores que estão estruturados a mais tempo em São Paulo e cuja lógica de localização espacial está relacionada com a presença de centros de decisão de negócios. Nestas atividades há grande proximidade das estimativas de população ocupada da RA Campinas com aquelas dos Centros Médios do Interior.

#### **4. COMPORTAMENTO RECENTE DO MERCADO DE TRABALHO FORMAL NA REGIÃO ADMINISTRATIVA (RA) DE CAMPINAS**

Como em todo o país e no resto do mundo industrializado, o mercado de trabalho na região de Campinas passa por transformações significativas. Comparativamente ao que se verificou nos anos 80 (Cacciamali 1992), as mudanças na estrutura econômica setorial do país parecem ter-se intensificado, assim como aquelas relativas ao perfil ocupacional e de renda.

Dada a proximidade do seu perfil setorial com o do mercado de trabalho da Região Metropolitana de São Paulo, é sugestivo retomar o con-

teúdo das mudanças que tem sido descritas para este último em períodos mais recentes. "A queda do nível de atividade econômica, no primeiro triênio, produziu intensa elevação da taxa de desemprego e forte redução do emprego industrial e do contingente de assalariados com carteira de trabalho assinada, além de reforçar a tendência de declínio do valor real dos rendimentos do trabalho [na RMSP]. Apesar das elevadas taxas de crescimento econômico observadas no período 1993-94, este quadro não foi substancialmente alterado, persistindo uma situação relativamente desfavorável quanto ao volume de postos de trabalho gerados e ao nível de rendimentos pagos" (Brandão e Jannuzzi 1995:104).

Assim, entre 1990 e 1994, a perda da participação relativa dos empregos industriais contrapõe-se ao aumento da parcela de desempregados e das ocupações no comércio e serviços. Tal fato, combinado com a diminuição da parcela de ocupados com carteira assinada, com a queda geral dos níveis de rendimento e aumento da rotatividade, tem aumentado o grau de vulnerabilidade da inserção no mercado de trabalho na RMSP (Seade 1995).

Embora não seja possível acompanhar o panorama conjuntural da totalidade do mercado de trabalho regional - por inexistência de pesquisas periódicas ao nível de desagregação espacial conveniente - pode-se avaliar, em alguma medida, o que se passa com o emprego formal na região pelos registros administrativos do Ministério do Trabalho.

Tabela 3

**Evolução anual dos empregos formais por grandes setores de atividade - RA de Campinas e Estado de São Paulo 1990 - 1995**

Sector de Atividade	1990	1991	1992	1993	1994	1995	média anual	var 95/89
---------------------	------	------	------	------	------	------	-------------	-----------

### RA de Campinas

Indústria	- 6,2	- 4,8	- 6,3	2,1	4,4	- 0,9	- 2,0	- 11,6
Construção Civil	- 1,8	0,8	- 0,5	4,2	14,1	4,3	3,5	22,0
Comércio	- 4,7	0,2	1,8	5,6	10,0	6,0	4,7	31,6
Serviços	3,8	4,2	4,4	4,4	2,8	2,5	3,7	24,3
Outras Atividades	- 30,8	- 1,5	5,6	14,3	3,8	-10,2	- 3,1	- 23,3
<b>TOTAL</b>	<b>- 1,2</b>	<b>- 0,5</b>	<b>- 0,7</b>	<b>3,8</b>	<b>5,1</b>	<b>1,8</b>	<b>1,4</b>	<b>8,3</b>

### Estado de São Paulo

Indústria	- 8,1	- 2,2	- 8,7	2,4	0,8	- 2,9	- 3,1	- 17,8
Construção Civil	- 0,7	2,6	- 4,8	1,8	3,3	0,3	0,4	2,3
Comércio	0,9	0,7	- 1,8	5,8	6,0	8,3	3,3	21,1
Serviços	2,8	3,7	- 0,2	3,2	- 0,1	3,6	2,2	13,7
Outras Atividades	- 46,8	- 7,6	0,3	14,3	1,6	- 19,0	- 9,5	- 53,6
<b>TOTAL</b>	<b>- 2,7</b>	<b>0,8</b>	<b>- 3,8</b>	<b>3,4</b>	<b>1,4</b>	<b>1,9</b>	<b>0,2</b>	<b>0,8</b>

Fonte: CAGED/MTb

Nota: Dados referem-se ao estoque de dezembro de cada ano. Indústria compreende indústria de transformação, extrativa mineral e serviços industriais de utilidade pública. A tabela não inclui empregos na agricultura

Neste sentido, vale destacar que o mercado de trabalho da RA de Campinas dispunha de cerca de 1 milhão de empregos no setor formal coberto pelo Cadastro Geral de Emprego e Desemprego - CAGED, correspondendo a 13% do total levantado para o Estado em 1990. Seis anos depois, essa participação relativa evoluiu cerca de 1 ponto

percentual, passando a 14% do Estado e o contingente de empregos para 1,1 milhão.

O crescimento do mercado formal na RA de Campinas foi de 8% no período de 1990 a 1995 e deu-se de forma diferenciada ao longo dos anos e nos diversos setores de atividade<sup>4</sup> (tabela 3). De 1990 a 1992, houve uma contração no número de empregos da ordem de 2%, decorrência da recessão provocada pelo Plano Collor. No período seguinte as taxas anuais de crescimento do emprego formal passaram a ser positivas, em especial em 1994, ano do aquecimento da demanda agregada proporcionada pelo Plano Real. Observe-se que depois de terem se expandido a quase 4%, em 1993, e 5%, em 1994, o emprego formal elevou-se em apenas 2% no ano de 1995.

Em termos setoriais, em que pese a recuperação verificada em 1993/1994, o emprego industrial fechou o ano de 1995 com uma redução de 11% dos postos existentes em 1990. Em contrapartida, o emprego na construção civil, no comércio e nos serviços expandiu-se em mais de 20% no período. O comportamento anual da taxa de variação de empregos dos dois primeiros setores seguiu o curso dos acontecimentos econômicos do país, apresentando valores bastante baixos ou negativos entre 1990 e 1992, e taxas elevadas no período seguinte. O setor serviços apresentou um desempenho anual bastante regular na criação de empregos em todo o período de 1990 a 1995, de forma quase que independente da conjuntura econômica mais geral, pois se constatou que na média, os empregos desse setor expandiram-se a taxas de 3,7% ao ano.

Como conseqüência do desempenho diferenciado na evolução anual de empregos, a composição setorial do mercado formal da RA de Campinas sofreu grandes modificações nos últimos 6 anos. Os empregos industriais, que representavam o segmento numerica-

<sup>4</sup> O aumento do número de empregos formais não significa necessariamente uma expansão do mercado de trabalho, já que tal aumento pode decorrer da intensificação da formalização da mão-de-obra em decorrência de fiscalização do Ministério do Trabalho. No entanto, a julgar pelo já descrito para o quadro nacional e paulistano, o aumento da taxa de formalização do mercado de trabalho na região é muito pouco provável de estar se verificando.

mente mais volumoso, com 46% do mercado formal levantado pelo CAGED em 1990, tiveram sua participação relativa reduzida para 37,5%, sendo suplantados pelo aumento da participação dos empregos no setor serviços de 34%, em 1990, para 39% do mercado formal, em 1995. Observe-se, porém, que parece ter havido uma desaceleração do ritmo de queda da participação dos empregos da indústria. Empregos no comércio também tiveram sua participação relativa aumentada no período, passando de 15 para 18% do mercado formal levantado pelo CAGED. A participação da construção civil na composição setorial relativa teve ligeiro aumento nos últimos seis anos na região (de 3,5 para 3,9% entre 1990 e 1995).

Tomando como referência a evolução e a composição do emprego formal no Estado, as transformações verificadas na RA de Campinas apontam para um quadro geral mais positivo, tanto do ponto de vista quantitativo, quanto qualitativo. Afinal, a expansão do emprego formal na RA de Campinas foi 10 vezes maior que a do Estado entre 1990 e 1995 (8,3% contra 0,8 no período, respectivamente). O setor industrial na RA de Campinas teve redução de 12% nos seus postos formais de trabalho, contra 18% no Estado nos últimos seis anos. Em igual período, na construção civil a evolução do emprego foi de 22% para a RA de Campinas e apenas 2% para o Estado. No comércio e serviços o balanço igualmente foi mais favorável à RA de Campinas.

Com esse desempenho na expansão do emprego formal, a RA de Campinas elevou sua participação do emprego em relação ao Estado em todos os setores (tabela 4). Na indústria e nos serviços, o aumento foi de pouco mais de 1 ponto percentual; na construção civil cerca de 2 pontos e no comércio, 4 pontos percentuais a mais, em 1995, em relação a 1990.

**Tabela 4**

**Participação dos empregos formais por grandes setores de atividade da RA de Campinas em relação ao Estado de São Paulo 1990-1995**

<b>Setor de Atividade</b>	<b>1990</b>	<b>1990</b>	<b>1991</b>	<b>1992</b>	<b>1993</b>	<b>1994</b>	<b>1995</b>
Indústria	15,08	15,40	15,00	15,39	15,35	15,89	16,22
Construção Civil	10,08	9,96	9,78	10,22	10,46	11,57	12,03
Comércio	12,87	13,47	13,50	13,75	14,51	15,97	16,93
Serviços	11,59	11,71	11,76	12,30	12,43	12,79	12,66
Outras Atividades	10,50	13,66	14,56	15,33	15,34	15,66	17,35
<b>TOTAL</b>	<b>13,09</b>	<b>13,30</b>	<b>13,12</b>	<b>13,54</b>	<b>13,59</b>	<b>14,08</b>	<b>14,07</b>

Fonte: CAGED/MTb

Nota: Dados referem-se ao estoque de dezembro de cada ano Indústria compreende indústria de transformação, extrativa mineral e serviços industriais de utilidade pública. A tabela não inclui empregos na agricultura

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O dinamismo econômico e a diversidade da estrutura produtiva atual da região de Campinas são frutos de um longo processo histórico de inserção regional nos ciclos de desenvolvimento econômico nacional. No período recente, a julgar pelos dados disponíveis, a região vem acompanhando o ritmo de crescimento da economia e sofrendo transformações menos intensas em sua estrutura setorial que outras áreas no país.

As mudanças na composição setorial e perfil ocupacional no mercado de trabalho fazem-se sentir em todo o território nacional. O aumento da participação do emprego nos setores de comércio e serviços são tendências de longa data e parecem ter-se intensificado na presente década. A RA de Campinas não é uma exceção neste processo, mas parece estar experimentando-o de forma quantitativa e qualitativamente

te diferente. A região vem apresentando taxas de expansão de emprego mais elevadas que o Estado e mudanças na composição setorial em ritmo menos veloz.

Pode-se notar que o decréscimo no emprego formal, no setor industrial, da RA de Campinas foi menor que no Estado de São Paulo, aliado a um vigoroso crescimento tanto na indústria da construção civil, quanto no comércio e nos serviços, evidenciando que mesmo num momento difícil, como o vivido pelo país nos últimos anos, a região continuou a crescer.

Há de se considerar que importantes processos encontram-se em curso no Estado e no Brasil que podem ter repercussões importantes sobre o desenvolvimento econômico da Região de Campinas. Dentre estes, destacam-se os desdobramentos políticos e econômicos do Mercosul, as decisões governamentais com relação aos destinos do Pro-álcool, os investimentos estrangeiros para instalação de novas plantas industriais, a reconcentração industrial no Estado de São Paulo. Sem dúvida, o encaminhamento destes processos pode acentuar as tendências já descritas anteriormente para a região. Mas é pouco provável que desdobramentos menos favoráveis possam revertê-las em curto prazo.

## 5. BIBLIOGRAFIA

- BRANDÃO, S.M.R & JANNUZZI, P.M. (1995) Distribuição de renda e pobreza na RMSP. São Paulo, *São Paulo em Perspectiva*, 9(3):101-108.
- CACCIAMALI, M.C. (1992) Mudanças estruturais e o ajustamento do mercado de trabalho no Brasil na década de oitenta. *Estudos Econômicos*, São Paulo, 22 (especial): 133-150.
- CAIADO, A. S. C. (1996) *Desenvolvimento regional: novos requisitos para a localização industrial em São Paulo*. São Paulo: São Paulo em Perspectiva., 10(2):54-59.

- JANNUZZI, P.M. (1996a) Projeções populacionais para Campinas e Região: Parte I - Tendências demográficas da Região Administrativa de Campinas 1970-1993. *Cadernos da FACECA*, (v. 5, n. 1, p. 101-114, jan/jun, 1996).
- JANNUZZI, P.M. (1996b) Projeções Populacionais para Campinas e Região: Parte II - Cenários demográficos para 1995-2025. *Cadernos da FACECA*, (v. 5, n. 2, p. 51-77, jul/dez, 1996).
- JANNUZZI, P.M. (1996c) *Dinâmica do mercado de trabalho formal da Região Administrativa de Campinas*. Relatório n.3, Campinas, Projeto qualidade ambiental e desenvolvimento regional na Bacia dos Rios Piracicaba/Capivari, Campinas/UNICAMP.
- PATARRA, N., BÓGUS, L. & BAENINGER, R. (1996) Migração, Emprego e Projeções Populacionais: A Pesquisa Regional por Amostra Domiciliar. Campinas, *Revista Brasileira de Estudos Populacionais*, 13(1):79-85.
- SÃO PAULO (Estado). Secretaria do Meio Ambiente (1990) *Tendências de industrialização no interior do Estado de São Paulo*. São Paulo.
- SEADE. *Características gerais do processo de industrialização paulista*. São Paulo, 1988.
- \_\_\_\_\_, *O novo retrato de São Paulo*. São Paulo, 1993.
- \_\_\_\_\_, *Pesquisa de condições de vida: primeiros resultados para a RMSP*. São Paulo, 1995.
- \_\_\_\_\_, *Um mundo chamado São Paulo: a melhor opção para investimento*. São Paulo, 1996.